

Habitar o comum: poesia, corpo e rito em Rollo de Resende**Inhabiting the common: poetry, body, and rite in Rollo de Resende**

Thiago H. Fernandes¹
Universidade de São Paulo

Resumo

Ensaíamos uma abordagem da obra do paranaense Rollo de Resende (1965-1995) por meio da estrutura antológica de *Espáduas* (2022), em um diálogo crítico-teórico que busca contextualizá-lo na cena literária brasileira, e fundamentar a leitura de seu procedimento criativo. Nosso enfoque será a constituição, pelo imaginário poético, de modos de participação numa esfera vivencial e afetiva comum, algo de que a literatura também será um instrumento. Tal processo de constituição de laços vitais num presente histórico assombrado pela epidemia de HIV/Aids será orientado pela corporeidade, pelo exercício ritual do cotidiano e consequente descentramento do sujeito individuado. Resultará daí um traço significante estabelecido transitoriamente entre polos opostos, tornando complexa a ideiação de uma positividade existencial. Logo, característica determinante para a defesa da literatura como um lugar habitável no presente, se possível equacionar dois extremos: poesia como revelação ou restrita forma comunicativa se comparada com outras experiências relacionais.

Palavras-chave: Poesia e corpo. Erotismo literário. Rito. Habitação poética

Abstract

We propose an approach to the poetic production of Rollo de Resende (1965-1995) based on the anthology *Espáduas* (2022), establishing a critical dialog that places him in the Brazilian literary scene and allows us to examine aspects of the author's poetic procedure. We will focus on the constitution of forms of participation in a communal experiential and affective sphere through the poetic imagination, of which literature will also be an instrument. A process of establishing essential bonds in a historical present haunted by the HIV/Aids epidemic oriented towards corporeality, the ritual exercise of everyday life, and a continuous decentering of the individualized experience, resulting in a transitory poetic quality established between opposing poles, making the idea of existential positivity more complex. Therefore, this will be a determining characteristic for the defense of literature as a habitable place in the present, something different from the concept of poetry as revelation or a limited communicative form compared to other relational experiences.

Keywords: Poetry and body. Literary erotism. Rite. Poetic dwelling

¹ Doutor pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP (Literatura brasileira). Foi professor assistente na Universidade Estadual do Piauí (2018-2022) e professor substituto na Universidade Federal de São João del-Rei (2024). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6150-9930>.

Projeto da jovem casa editorial Telaranha Edições, sediada em Curitiba-PR, a antologia *Espáduas* (2022), organizada pelo jornalista Hiago Rizzi, reúne a produção poética do paranaense Rollo de Resende, morto em 1995, aos trinta anos. Em meio à onda de compilados e organizações literárias que tendem a assegurar lugares autorais estabelecidos, ao menos em termos de fortuna crítica, neste caso, mais adequado seria afirmar que se traz ao proscênio a fim de projetar luzes. Afinal, trata-se de um nome ainda ausente nos trabalhos panorâmicos sobre a poesia contemporânea brasileira, em especial, aquela produzida entre os decênios de 1980 e 1990².

Nesse sentido, pensamos a antologia, em primeiro lugar, como gesto amigado à rasura produtiva de uma memória da literatura que se queira completa e atuante em determinados círculos letrados e abordagens historicistas. Logo, em termos de implicações teórico-críticas, desejamos anotar o seu pertencimento no panorama literário brasileiro por semelhança e diferença, à medida que a singularidade da obra do poeta possa fundamentar não o seu elogio, mas a adoção de outros pontos de vista sobre um recorte artístico e cultural. Exercício este que, como numa espécie de dobra analítica, se guiará pela investigação da poesia justamente como um lugar habitável num tempo histórico determinado por formas distintas de carências existenciais.

Em segundo lugar, tomamo-la como uma reverberação criativa ao validar o gesto poético iniciado por Rollo, como aponta o organizador Hiago Rizzi, fazendo-o persistir, apesar de sua precoce interrupção. Afinal, a experiência diversa do encontro, seguida da crença em sua potência expansiva quanto à configuração psíquica e social do sujeito, particulariza-se fortemente na aventura poética de Rollo. Ao interseccionar o privado e o público, o poeta esmiúça, nas dinâmicas relacionais, a reconquista de uma vitalidade que podemos inferir como fragilizada no contexto histórico de redemocratização política e instável diante das vivências dissonantes ao afeto e à sexualidade heteronormativa, em que pese o quadro epidêmico de HIV/Aids descortinado na década de 1980. Não encontraremos uma retórica sabidamente contra-hegemônica nas páginas de Rollo, mas a intuição de uma “produtividade do desamparo”³, ou seja, o devir-desejo em que movimento e transformação prevalecem ao aparte dos corpos fundado no medo, também instrumento de regulação social.

A verificação desse expediente, de seus procedimentos ou orientações, configura o objetivo deste trabalho, compreendendo um trânsito de percepção e análise relativamente livre, mas atento à evolução cronológica de sua obra: *Bem que se aviste racho de romã* (1988), *Homeopoética* (1991) – originalmente poesia-objeto em cápsulas distribuíveis, em colaboração

² Cabe menção à dissertação de mestrado de Adriano da Rosa Smaniotto (2012), *Uma possível cartografia poética*: alguns “territórios” da poesia nas antologias do concurso estadual Helena Kolody (1990-1995), desenvolvida na Universidade Federal do Paraná, constando comentário analítico sobre a poesia de Rollo de Resende.

³ A expressão é de Vladimir Safatle (2021), em estudo no qual, por meio de diálogo freudiano, o vislumbre da sociedade como um “circuito de afetos” capaz de abarcar, e não regimentar o possível da vida, dependerá da mudança de seu fundamento, isto é, passagem do medo para o desamparo que produzirá corpos em errância; leia-se, corpos em disponibilidade para a criação de vínculos inéditos, graças à virtude de uma experiência antipredicativa da subjetividade.

com Jane Sprenger Bodnar e Fernando Zanella –, o mais extenso *Água mineral* (1995), e o título póstumo *Uma flor de lótus* (1998). Cabe registrar que a última seção da antologia reúne ainda poemas avulsos, publicados em jornais e submetidos a concursos literários. Dessa forma, o panorama formado pela antologia fomentará nossa abordagem à medida que se oferece como um espaço de deslocamento leitor-crítico; um ponto de entrada e de saída que não deve ser tomado por anseio de totalidade.

Formas de poesia

Como podemos notar no conjunto antológico, o senso de localização comum no espaço-tempo presente se institui de maneiras e em níveis distintos, a começar pela instauração de uma virtualidade metapoética. Contudo, declara-se uma comunidade não apenas literária, mas vitalmente criativa, ora assinalada em epígrafe, convocada no corpo do poema ou poeticamente enumerada em “Índice onomástico”⁴, poema-nota que encerra o seu título de estreia, *Bem que se aviste racho de romã*. Dentre a longa sequência de aliados, lemos, em sua maioria, nomes locais que configurariam uma espécie de tradição cultural imediata no decorrer das décadas de 1970 e 1980, como Roberto Piva, Ana Cristina Cesar, João Silvério Trevisan, Glauco Mattoso, Cacaso, Caetano Veloso e Egberto Gismonti.

Ponderado o anseio de emergência da novidade vanguardista programática, sabemos que existe um cenário em que sugerir a simples passagem do exercício poético ao *pathos* informal da experiência cotidiana⁵ tampouco corresponderia à posição inquieta e transitiva de certos autores. O tratamento não normativo dos arquivos da modernidade literária pôde implicar em trajetos criativos permeados de reconhecimentos e atravessamentos de filiação ao ponto do “paradoxo inerente à tarefa [da poesia, do escritor] de se fazer outro dentro do mesmo”, como pontua Marcos Siscar (2010, p. 156). Daí a percepção de uma “cena literária móvel do presente”, arquitetada sob o signo cultural da “Biblioteca de Babel”, não passar sem o diagnóstico de um traço hermenêutico e histórico-crítico no fazer poético, como afirma Benedito Nunes (1991, p. 179), o que teria endossado a complexidade de uma “experiência deceptiva do progresso”.

Deve-se ponderar, portanto, que o procedimento intertextual em Rollo de Resende – de eminente caráter metonímico, evocando sujeitos e não apenas textos – transcende o mero depoimento biográfico-formativo e não sugere a reclusão da poesia em face do mundo, preferindo-se dramatizar a si na arena cosmopolita sugerida por aquela biblioteca; encarar-se um tanto reclusa no espelho da linguagem. Considerando a reduzida atitude utópica em tempos de crise, seja de ideais estéticos ou humanos, a intertextualidade, como conceito

⁴ A conclusão de *Bem que se aviste racho de romã* espelha aquela realizada por Caio Fernando Abreu em *Triângulo das águas* (1983), e por Ana Cristina Cesar em *A teus pés* (1982). Também da autora será a epígrafe de abertura do título de Rollo, reiterando a ideia do índice em poema de *Inéditos e dispersos* (1985): “[...] Como não repetirei, a teus pés, que o profissional esconde no índice onomástico os ladrões de quem roubei versos de amor com que te cerco” (Cesar, 2013, p. 281).

⁵ Caso mesmo da oposição crítica por exclusão em termos procedimentais e ideológicos entre a chamada poesia marginal e a poesia concreta.

amplo e modulável, desponta aqui como um valioso procedimento por meio do qual a literatura se presentifica. Diga-se, o modo como auxilia na demarcação de um lugar no presente histórico pode sugerir relações não apenas de filiação passiva ou de recusa paródica no campo artístico, mas também de “resposta” a outros tantos textos operantes em um dado contexto cultural⁶.

Considere-se que o largo experimento intertextual de Sebastião Uchoa Leite, exemplificado nos títulos *Antilogia* (1979) e *Isso não é aquilo* (1982), pôde auxiliar no questionamento contínuo de uma propriedade essencial da lírica: “nada de primeiros motores/ nada de supremos valores” (Leite, 2015, p. 92)⁷; como na despersonalização do sujeito poético: “eu não sou eu / nem o meu reflexo” (Leite, 2015, p. 110). Daí o modo como a poesia adentra num “corpo a corpo” com o caos contemporâneo da vida urbana, principalmente no que diz respeito à produção de algum sentido para alguma realidade. Em Rollo de Resende, antes do ensaio metalinguístico sobre os limites da palavra, cabe notar como esse exercício perspectivo, numa primeira camada, dirá da horizontalização da poesia como um gesto plural, no sentido de não se limitar à escrita, e de um dimensionamento ecológico⁸ da literatura. Para além do recurso intertextual, falamos do trânsito possível entre o devir expressivo e o devir pensante do texto literário, como nos parece ser também o caso de Sebastião Uchoa Leite.

Nessa direção, a comunidade poética assinalada por Rollo, previamente no território virtual, será tão concreta quanto possível na prática criativa que afirma e legitima a vitalidade do coletivo, como no caso da atuação do poeta no grupo *Baú de signos*, juntamente com os nomes assinalados previamente na autoria de *Homeopoética*, comprometido com a realização de oficinas e outras atividades correlatas de ordem cultural. O poema diagnóstico a seguir, do título *Água mineral*, auxilia a sumarizar tais apontamentos:

naquele início de década
fomos versáteis e ecléticos.
oh deus! até hoje peço-vos
um violinista que me acompanhe
tornando-me, além de panificador,
também um cantor de blues.
enquanto isso, perder-se olhando
esses rapazes, seu desvario
em esportes com bola,

⁶ Pensamos a intertextualidade com Marko Juvan, de modo que a dinamização relacional pressuposta no procedimento poderá ser também uma “resposta” que situa a literatura na amplitude discursiva da vida, ao invés de isolá-la como artefato estético: “[...] a intertextualidade estrutura a filiação e resposta do texto aos seus contextos culturais – outras artes, discursos sociais (da política à ciência), socioletos, ideologias, modos de vida, meios de comunicação” (2008, p. 7, tradução nossa).

⁷ No poema em questão, “Não me venham com metafísicas”, a referência final a Gustave Flaubert exemplifica a relação entre o procedimento dialógico entre textos e a reflexão metacrítica sobre a poesia: “[...] nada de temores e tremores / nem de noite escura da alma / a prosa é preferível / ‘sei de um estilo penetrante / como a ponta de um estilete’. flaubert / é só isso” (Leite, 2015, p. 92).

⁸ Em termos de uma transversalidade ético-política em distintos níveis, como proposto por Félix Guattari (2012) – subjetividade humana, relações sociais e meio ambiente.

a forma esférica:
sua evolução no jogo
como nas coisas da vida:
paulo passa a bola para alice,
trabalham bem em campo (Resende, 2023, p. 88).

O caráter eclético e versátil, como lido, não denota um traço de identidade individual; pelo contrário. Fala-se e vive-se sob a dimensão do grupo. Daí a relação analógica entre o jogo, a poesia e a vida. A referência a “paulo” Leminski e “alice” Ruiz, ambos escritores paranaenses que viveram uma relação conjugal, afina-se com a crença de que a poesia possui por anteparo a experiência subjetiva e relacional; não como determinante egoica da lírica, reacendendo a citada polarização ineficaz que isolaria em outro polo o experimento formal, mas porque integra a dinâmica vital humana, ainda que, inevitável, com algum nível de idealização. Considere-se que isso também valeria para a prática esportiva lembrada no poema, principalmente quando ausente o fim último competitivo, portanto, o esporte como virtuosidade da anatomia humana em gozo de si e do outro.

Perspectivar a poesia de maneira a negar qual seja sua reclusão explicita-se ainda na variabilidade do gesto criativo entre a música, a panificação e a arte plástica ou artesanal, como testemunha o poeta. Em “Reginaldo ‘Rollo’ Possetti de Resende”, espécie de poema-biografia, cartão de visita ou “release”, reitera-se o interesse pelos fazeres plurais. Assim, operada inicialmente no campo estético-verbal, a poesia se expande noutra ordem de gestos criativos porque desejanse: “leão de perfil. / poesia expandindo a ponto de / desejar imagens. / por isso, também exercito a plástica. / e uma espécie de culinária: pães assados por mim [...]” (Resende, 2023, p. 176). Circular, contudo, o exercício poético não só avança para além do poema, conformando-se em outras materialidades, mas a ele retorna. Logo, também a poesia *coisa escrita* deixa de estar sob o domínio absoluto da racionalização, do fazer mental que espera por ela em espera de si. Será, portanto, também coisa que sai à caça da memória sua do corpo⁹, ponto mediano e mediador em relação ao mundo, que interpõe ao “puro” enunciado a enunciação.

Poesia em corpo

Falaremos, então, de uma poesia em corpo, um índice performático que expressa a presença de um sujeito que se fará perceber não apenas pela dramatização lírica do eu, mas também por sua espacialização ou ritualização cotidiana. Por certo, há muito de uma persona lírica-biográfica nos escritos de Rollo, dado que remete aos arquivos da geração que o antecede e que ele legitima em termos comunitários. Isto é, à premissa de elaboração poética

⁹ Em virtude de uma exposição dedicada a Rollo de Resende realizada em Curitiba em 2005, sua irmã e poeta Stella de Resende, afirma em entrevista o hábito de Rollo de “criar” em movimento, enquanto cozinhava ou andava pela casa; daí a expressão desprezível utilizada por Stella, “poesias domésticas”. Cf. “O poeta do cotidiano”, disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-poeta-do-cotidiano-9ntbo01qfvs57zy51s037orbi/>.

da intimidade e à conseqüente exposição, além dos retratos afeiçoados de um sujeito qualquer, um tanto despido da dita poesia marginal. Tônica distinta da radicalidade elíptica que Sebastião Uchoa Leite viria ensaiar, mas ainda afeiçoada, como sabemos, aos jogos de perspectiva e proporção, dos quais é prova o íntimo teatral e sinuoso de Ana Cristina Cesar.

Coerente com esse raciocínio, acreditamos que o vislumbre lírico-biográfico em primeira superfície, no caso de Rollo, não deverá anular a percepção de seu dimensionamento por meio da incursão performática de uma poesia em corpo. A saber, um “corpo gravitacional” “composto de sentidos e formas”, e não apenas de conteúdos interpretáveis, como nos recorda Jorge Glusberg (2009, p. 83). Esse conceito é aplicável à performance como um termo expandido que pode abarcar todo um conjunto de ações, eventos e comportamentos que moldam as dinâmicas relacionais em sociedade. O argumento de Glusberg, no entanto, por orbitar a performance como gênero artístico, a *performance art* sistematizada na segunda metade do século XX, questiona a equivocada presunção de falta de objeto no referido campo, em virtude da aparente ausência de um “objetivo prático” (Glusberg, 2009, p. 79) que orientasse as “peças” performáticas. Em foco, está a relação de regência valorativa entre rito e mito que será determinante no desenrolar das artes da cena ao longo do referido século.

Nessa direção, os ecos da epidemia de HIV/Aids irão configurar uma nota tão pessoal quanto coletiva em Rollo, sendo o elemento de maior referência social em seus escritos. De *Bem que se aviste racho de romã*, semantizada região adocicada, advém a imposição adversativa: “onde se adquirem as doenças” (Resende, 2023, p. 34). Ou ainda: “teu sexo / se batendo pelos / corredores do apartamento / por ti / solidamente / sapatos em chamas / até / trocarmos doenças” (Resende, 2023, p. 17). Em *Água mineral* evolui-se à crônica hospitalar propriamente, rito de “todas essas pessoas querendo saber / o que se passa consigo / alojado em seu sangue. / [...] amostras de nosso inapetente sangue” (Resende, 2023, p. 90). A sequência seguinte de versos ficcionaliza o teatro banal que ganha forma pela expectativa da vida: “eu desejaria ir, é claro, com / a garota do box decorado. / seus dentes avançam boca a fora / não insinuando sequer um sorriso. / acabo sendo chamado pela moça / de cabelos presos, sua vizinha: / – o próximo” (Resende, 2023, p. 90).

A incursão por essa atmosfera encontra um espelhamento especial em dois casos. Em “nunca irei escrever alguns poemas”, acompanhamos a visita a um amigo hospitalizado, literalmente preso ao estrado metálico de uma cama de enfermaria, concluindo-se com a declaração: “[...] eu quis que você vivesse. / esta era a promessa de nossa amizade: / um dia eu iria tocá-lo. / amor dos homens” (Resende, 2023, p. 193). “Sutras, mudras, mantras”, poema publicado em 1996, que fecha a antologia, será a estação última da *via crucis* hospitalar pela reversão do quadro acima, sabendo-se de sua escrita por Rollo já em momento de maior debilidade física:

no natal, ela compra
copos, xícaras e calcinhas
para o ano todo.
eu serei o seu soldado
ferido de guerra.

ela põe a mão em minha testa.
eu quero ser guardado
em sua concha.
eu sou a doença de uma
concha.
eu sou uma pérola (Resende, 2023, p. 207).

Ainda aí, pela dedicatória e visita da enfermeira Maria da Penha, permanecerá ativado o olhar conjuntivo, determinante também nos dois poemas anteriores. Mediante a constatação adversativa da doença que se afirma como uma parada, imposição violenta de uma barreira que faz cessar o fluxo do amor, do sexo e do próprio poema, tal olhar será essencial. Afinal, ele acabará por ser um exercício de manobra ao anotar sempre para além do “si”, que se pudesse atomizado e, agora, isolado não apenas fisicamente pela doença.

Eliane Robert Moraes comenta a caracterização funesta do desejo erótico em expoentes da lírica brasileira no raiar da década de 1980, como em *Coxas*, de Roberto Piva, e *As mulheres gostam muito*, de Angela Melim, ambas de 1979. Na contramão do espírito libertário da contracultura, o imaginário erótico corresponderia, então, à tônica da vida urbana brasileira no referido recorte tempo-histórico; nos termos de Eliane Moraes, uma década que se iniciara “[...] com a fatalidade de que há um começo já dado, independente das vontades, das escolhas ou dos desejos de cada um” (Moraes, 2008, p. 402). O perigo de morte como condição do desejo, perceptível nas duas obras poéticas analisadas, viria a se consolidar no imaginário literário, na visão da autora, sobretudo quando a Aids se tornara uma realidade no referido panorama. Também na prosa narrativa, vale pontuar, persistiu uma abordagem trágica do desejo aberta a distintas interpretações, caso da estreia de João Gilberto Noll, em 1980, com o livro de contos *O cego e a dançarina*, ou ainda, nas dramatizações afetivas de Caio Fernando Abreu em *Triângulo das águas*, de 1983.

Para Moraes, o erotismo ganharia novo fôlego na década seguinte, creditada à hipótese de “uma certa ‘normalização’ da Aids decorrente de significativas mudanças no quadro geral da doença, a começar pela reversão das cifras epidêmicas”; mas também pela “[...] resistência do imaginário que, saturado com o horizonte sombrio ao qual a sexualidade parecia condenada, responde à morbidez da cena histórica com os mais variados expedientes da imaginação [...]” (Moraes, 2008, p. 406). Dessa reflexão, interessa-nos a margem de manobra estabelecida entre o contorno da realidade histórica e as evoluções da imaginação literária em contraponto. Nos termos de Alfredo Bosi, diríamos ainda “resistência”, formas de se dar a ver o “ser da poesia”, e não somente o seu modo “historicamente possível de existir no interior do processo capitalista” (Bosi, 1977, p. 142), caso de sua compleição ao silêncio ou à verbalização de seus próprios códigos na visão do autor.

Apesar de presente, a patologia-testemunho daquela década não se tornará, por fim, onipresente nem excessivamente determinante para o “corpo” da poesia. Daí a sensação de prevalecer no conjunto da obra de Rollo uma nota de alegria que Marília Kubota destaca num dos paratextos que integram a antologia, e que se confessa “método” nos versos de 1991: “um poema / por dia / com amor e alegria /: / amanhã bem cedo / eu resolvo / o medo” (Resende, 2023, p. 161). Resta-nos, no entanto, seguir questionando como se dá essa

condição, sobretudo exaltante, de se *estar em vida*, da qual a poesia seria um testemunho, considerando-se que ela não se limitará a uma declarada positividade festiva; ou ainda, a um meio-termo cínico compatível com um espírito geracional, que suplantasse arbitrariamente qualquer traço de desamparo e que viesse a interferir na validação do sentido existencial.

Inicialmente, nos parece válido caracterizar o modo processual dessa resistência como uma paisagem em aberto, ressaltando a dinâmica topológica que perpassa em algum nível nossa reflexão. Como aponta Michel Collot, a noção de paisagem se reconfigurou para além da tradição representativa que a ela atribuiu, enquanto espaço físico, uma objetividade transferível. Como nos deu a ver a tradição romântica, ela se tornou “um fenômeno que muda, segundo o ponto de vista que se adota, e que cada sujeito reinterpreta em função não somente do que ele vê, mas do que ele sente, experimenta e imagina” (Collot, 2015, p. 115). Interessa-nos, contudo, no desdobramento temporal desse aspecto, o valor das dinâmicas interativas fundamentais ao que Collot chama de um “pensamento-paisagem” partilhado entre o homem e as coisas (2015, p. 29); um pensamento ecológico, para além do substrato vegetal, que tende a superar a imposição da lógica conceitual, científica e das categorias binárias que as conformam.

Nesse sentido, a dimensão dessa paisagem poética em aberto já se fez esclarecer no último poema citado, abarcando ainda nosso raciocínio prévio de uma valoração do presente, da presença e, principalmente, do relacional atuantes na dimensão procedimental. Se a percepção da vida, seu “retrato” pode ser movente paisagem e não estagnado panorama, tendo em vista o raciocínio de Michel Collot, é porque a ela se experimenta de forma gregária. No entanto, esse restauro do sentido comunitário, forma de resistência poética também pontuada por Alfredo Bosi, coincidirá, em Rollo, com uma mobilidade outra de caráter transgressor, de maneira que encontrar, se relacionar, será também tensionar unidades autônomas, e não somente celebrá-las em conjunto. Da exterioridade negativa da vida, da inanição da patologia à rasura da interioridade lírico-subjetiva, a poesia prospecta o agora também pelo proposital *perder a si*; radicalidade transitiva que acabará por interrogar o alcance da palavra escrita como gesto poético.

Fome

Se o poema já não se apresenta como objeto ou celebração do encontro, ele se segue à espreita, à procura, especialmente quando se trata do “amor dos homens”, como assinala o poeta: “todos os dias refaço a mesma rua, / nostálgico. / quero encontrar de quem arrancaram-me. / vivo imantado” (Resende, 2023, p. 52). De outra forma, será o próprio poema a desejar uma evolução oriunda do encontro, se possível dizê-lo agora como antessala de algum aprendizado:

[...] estou aprendendo a abraçar.
a lembrança de um particular abraço à tarde
e seu mormaço.
são dois homens diversos:

um deles cético,
outro parece em tudo crer.
[...]
e a lição:
este poema não precisaria existir;
mas como quer o encontro
do caçador e sua caça
na densa floresta da noite... (Resende, 2023, p. 94).

O campo semântico da procura, da caça, mas também da traça – “noite / traças procuram / o que traçar” (Resende, 2023, p. 56) – explicita o índice de “fome” que não se encerra na mera crônica amorosa. A nostalgia ou melancolia de alguns versos, como na própria ideia de se viver imantado, denota a ameaça de inocuidade do exercício, ou seja, procurar e não mais encontrar, ou mesmo, desconhecer. Em “Há dias que nem sinais de deus”, o poeta organiza na primeira sequência de versos um quadro de alto valor discursivo; versão possível para o drama humano da morada existencial que, nos casos acima, ganha uma expressividade animalesca no corpo-carne erotizado que se caça, se traça:

pas de deux,
na falta de quórum
tem sido solo mesmo.
como alguém que
não tendo uma das mãos
fica segurando seu toco.
na falta das asas,
apalpamos nossas espáduas,
saudosos (Resende, 2023, p. 107).

Mas a nostalgia pode igualmente sugerir uma constância do desejo que, ao não se saciar, exige uma aventura desconhecida. Assim, as evoluções do prazer sexual se impõem, considerando-se a funcionalidade decisiva, como definiu Georges Bataille, do *desnudamento* na vivência erótica. Isto é, no sentido em que a nudez representa o deslocamento do estado recluso e saudoso para um “estado de comunicação, que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo” (Bataille, 2014, p. 41). Nesse sentido, acreditamos não se tratar, em Rollo, exatamente de uma intenção erótica antecipada à poesia que possuísse uma finalidade autônoma, mas um procedimento erótico compreendido como ação de desnudamento ou desposseção do sujeito em relação à imagem já faltosa de si.

O poema a seguir, do título *Água mineral*, congrega tanto a notação da dinâmica comunicativa, nos termos de Georges Bataille, quanto a passagem erótica, ao passo que a consumação do encontro entre dois indivíduos faz modular os vocábulos; assim, a caça ou a traça dá lugar, na pouca luz da sala de cinema, à tradução: “estou tentando fazer / com que conheças a mim / através da linguagem, vês? / porta-voz. / estou para virar a página / e neste meio tempo / a vida é livrar-se de si” (Resende, 2023, p. 86, grifo nosso). Aportamos, sobretudo, nessa espécie de axioma paradoxal em que o conhecimento do outro combina o

livrar-se de si, forma simbólica de violência. Sendo própria ao domínio do erotismo, como assevera Bataille, aqui ela se mostraria atuante, principalmente, sobre outras violências, como a cesura imposta pelas máscaras sociais que condenam à margem imoral e obscena qualquer vivência identitária dissonante ou qualquer linguagem distinta de manifestação de uma sociabilidade afetiva.

Na obra de Rollo, amplo será o campo semântico para dizer do quase fetiche de ausentar-se de si mediante o outro e no outro, como *pulverizar*, lido adiante, ou em: “isto é meu corpo / quanto mais me tocas / mais me perco” (Resende, 2023, p. 46). Ou ainda: “eu permitiria que me matasse / mas só me deixou / na próxima vez / sobrevoaria fotográfico / seu bojo castanho / tronco e colina / passear / na floresta / enquanto não vem” (Resende, 2003, p. 31). Registro metafórico para o espaço urbano, ou literal – ainda que generalista –, a recorrente “floresta” pode ser lida na chave de uma sociologia da subalternidade do prazer homossexual que conflui para lugares-nichos de “pegação”, caso ainda da sala de cinema. Seja como for, percebemos movimentos associados de anonimato, declinação e transgressão, logo, uma dinâmica que tende a “dobrar” o sentido interpretável nessas cenas, torná-lo avesso à leitura definitiva graças à presença ambígua do corpo atuante “em cena”.

Panoramicamente, veremos que a construção desse campo está presente desde o livro de estreia do poeta, *Bem que se aviste racho de romã*; nesse caso, entremeio à concisão da forma que termina por filtrar a intensidade passional, a se ponderar tipicamente juvenil, na experiência e expressão da aventura amorosa-sexual. Adiante, o pressuposto de perder a si irá coincidir cada vez mais com a expressão de um delírio do corpo, clamor extático que se valerá de uma inflação imagética sagrada e sincrética: “o amor / me examine / oxalá / fotografias não / sucumbam a vírus / a dança / dos pés de shiva / sobre meu peito / o amor / me pulverize” (Resende, 2023, p. 180). Ou ainda:

nunca haverá correio mais denso
do que aquele com João.
o objeto mais macio do mundo ainda é
o seu membro envergado.
posso caber na terna confraria
de walt whitman?
sou o ancestral de dez mil criaturas.
a boca da deusa kali.
a poesia palpitando, salvífica (Resende, 2023, p. 112).

Mais do que reafirmar o movimento corruptivo de fronteiras, o diálogo com a cosmogonia religiosa indiana reitera a circularidade entre destruir e criar, desfazer e fazer, tendo-se em vista a virtualidade mística. No segundo caso, em especial, a camada de significação de que se vale o poema tentaria traduzir, corresponder à poesia que nele não está, mas sim no “correio” amoroso, erótico-sexual, e no sujeito mesmo que nos fala: “sou [...] a poesia palpitando, salvífica”. O poema, então, testemunha a vivência do erotismo como uma das formas de poesia da vida, na vida, assim como se mostrou anteriormente antessala de um possível aprendizado. Se o erotismo como procedimento de passagem pode ser percebido atuante também na escrita, como defendido, noutro turno, alargando-se a

dimensão do êxtase, ele não deixará de sugerir alguma limitação na poesia da palavra, para então questioná-la:

teresa de ávila e maria sabina
alcançaram seus livros de êxtase.
eu corro aqui, eu discorro.
meu duplo cobre a minha vida solta
entre relâmpagos de mortiça luz poética.
ainda assim,
o que compõe
são esqueletos para os acontecimentos.

quando terei o livro vivo? (Resende, 2023, p. 149).

Novamente, o pensamento de um *si* poético acontece como um retorno à literatura, mas agora pela diferença do êxtase sagrado; um pensamento acerca do limite imposto pela (na) linguagem, ao ter no horizonte a poesia que deseja imagem, quando não, acontecimento. No entanto, não será o caso de afirmar categoricamente a essência de uma experiência superior à literatura, considerando-se a comparação com Santa Teresa de Ávila, freira carmelita do século XVI, e Maria Sabina, natural da etnia mexicana Mazateca; afinal, em ambas, *livro* e *êxtase* habitaram a mesma intersecção, seja pelo viés místico-contemplativo de Ávila ou xamânico-vegetal de Sabina. Imaginemos, portanto, o lamento de uma “ignorância” não intelectual, em que “o livro vivo” se anunciasse como um objeto de espiritualidade no sentido de ser uma forma de participação na vida. Algo distinto da “espiritualização” da letra em si, da língua que se quer poética. Logo, o pensamento contido no poema, ao não se limitar à ausência da “coisa” dada, se debruçará sobre a condição aparentemente paradoxal em que a “coisa” literatura se fará conhecer na ausência; para fora, e não somente para dentro da zona que institucionaliza e legisla as formas, os modos de dizer e de ser também do texto literário.

Armazém/Arma zen

Noutro poema metarreflexivo, de 1991, próximo à ideia do “livro vivo”, será a poesia como “arma zen”: “preciso de um calendário / uma caderneta / comprar sal grosso / linha branca / encontrar pelo chão / clips / botões / lascas de unhas / fios de cabelo / para que a poesia / arma zen / aconteça” (Resende, 2023, p. 162). Assim como no campo erótico, prevalece a anotação de uma ritualidade do cotidiano, sua reconquista e direta associação com a escrita, o que garante uma positividade do presente; tempo não sublimado. Se a mecânica do encontro, como discutido até aqui, tende a rasurar a individualidade fechada em si, também o fará por meio de um descentramento do protagonismo humano. Daí o avivamento das coisas e da materialidade diversa do mundo, sejam os objetos do dia a dia ou as materialidades do mundo natural.

A relação entre alguns poemas do título *Água mineral* seria reveladora quanto a esse aspecto. Lemos:

irremediável terei, noite adentro,
um choro convulsivo,
uma sessão inesquecível de música,
a lembrança de meu pai parar o carro
para que eu catasse cristais
na beira da estrada.
o inventário das coisas,
como aprendi com adélia.
uma língua de amor desaparecida:
pupí, réc réc, bobi.
a impressão de escrever como
uma velha mulher
aguardando encerrar um poema assim:
retornar ao comum me entenece (Resende, 2023, p. 89, grifo nosso).

Do gesto simbólico de coletar algo, o “inventário das coisas” também será o pensamento sobre as coisas:

penso obstinadamente
(ou são elas próprias insistindo)
em coisas destituídas de carinho:
móveis de um quarto de hotel,
casa de estudantes universitários,
os olhos mortificados de
isac nunes cordeiro.
alguém tocou-me uma das espáduas
e deu-lhe este belo nome:
asa.
aqui onde medito,
profundo *armazém* no qual prossegue-se
o divino moldar humano,
tanques de proveitosa argila íntima.
‘no verso final vos toco’ (Resende, 2023, p. 97, grifo nosso).

Como se percebe, o termo “coisa”, por sua própria indeterminação, congrega uma vasta gama de elementos possíveis de inventariar, desde objetos até sensações. E será ele decisivo no poema “Leitura”, de Adélia Prado, datado de sua estreia em 1970 com *Bagagem*: “[...] Eu sempre sonho que uma coisa gera, / nunca nada está morto. / O que não parece vivo, aduba. / O que parece estático, espera” (Prado, 2019, p. 22). Se inventariar pressupõe sumarizar, o gesto poderia representar a constituição de uma espécie de reserva, fundo material e simbólico potencialmente transferível para o campo da poesia. Neste caso, a noção

outra de “armazém” faria pensar o poema, num nível primário, como um instrumento arquivístico em que a “coisa” se arriscaria, de fato, ser da ordem do estático, do inanimado.

No entanto, por tendência inversa, os poemas mantêm um índice de presentificação, isto é, um agora, ou “aqui”, em que tudo parece se dar a ver em imediata percepção, resultando no *retorno ao comum* dito no último verso do primeiro poema. Assim, não apenas se devota atenção poética àquilo que seria da ordem do ordinário, mas também se reflete sobre a si no pensamento das coisas. Portanto, numa realidade exterior e comum, ao ponto de se declarar que: “um segredo meu / é um segredo do mundo / [...] qualquer revelação mínima / é uma revelação do mundo” (Resende, 2022, p. 79). Assim como na vertente erótica persiste o experimento ou inquietude da passagem em que o advento da problematização participativa da vida envolve a literatura; marcada distinção, acaso se tratasse da mera transferência, sua tentativa, da reconquista ritualística – para nós, evidência de um contínuo espiritualizante em sentido lato – para o campo da palavra poética.

De maneira coerente, perceberemos uma mudança de abordagem quanto à posse material. Aquele, que ora fora surpreendido coletando livros empoeirados em promoção para que enfim pudesse lê-los (Resende, 2023, p. 80), confessará noutro ponto, em “A arca”, estar “[...] transferindo a biblioteca do meu quarto / para dentro de mim, eu estou mudando o mundo / para dentro de mim. / eu viajo. saio de meu país para encontrar / as melhores coisas para levar a dentro de mim” (Resende, 2023, p. 197). Em todas as suas formas, o encontro na poesia de Rollo desejaria um contínuo processo de expansão do sujeito, ao invés de ressaltar diferença, no sentido de propriedade, sobre si ou sobre os muitos outros não apenas humanos. Daí a sugestão do andarilho que, por mais que esteja presente, estará sempre de passagem (Resende, 2023, p. 92), disponível para se fazer visitado.

18

nesta ilha,
não deixarei meu nome sobre a pedra
nem trouxe tinta
não desejo nenhuma supremacia
sobre ela.

deitado, ao sol, com João
uma manhã inteira,
as marcas na pele são
quando a pedra deixa seu nome
em nós (Resende, 2023, p. 160).

Por certo, se a estrutura cronológica da antologia possibilita a percepção de uma anatomia poética, isto é, de uma visão de conjunto sob analogia orgânica, ela acaba por conceder materialidade ao trânsito desse sujeito; diríamos à sua Paixão, coincidindo o trajeto físico com o da transformação espiritual. Nesse sentido, *Uma flor de lótus*, obra póstuma publicada em 1998, surge como uma estação em que as nuances da experiência subjetiva e lírica a que temos destacado se acomodam circunstancialmente. Nos deparamos com um pequeno conjunto de poemas que versam sobre a estadia num mosteiro e em que a

versificação, entre toques narrativos e descritivos, acomoda o anseio do registro, da palavra interessada quase como um diário de campo, outra maneira de determinar o agora da escrita. Daí o poema de abertura traçar uma localização: “6 km de estrada a pé. / 3 carros passaram. e não deram carona. / então uma placa: / ‘vende-se mel puro no mosteiro’ / e outra: / ‘mosteiro trapista nossa senhora do novo mundo’” (Resende, 2022, p. 135).

Ademais, esse olhar interessado confluirá para a comunidade que ali se forma entre alguns pouquíssimos hóspedes, os monges residentes e as materialidades do cotidiano, como a arquitetura, a paisagem natural e os alimentos. Registros ainda amparados pela celebração do encontro, pela beleza manifesta – a despeito da conversão do interesse em empenho poético – em ordinárias cenas de fraternidade, face outra do amor dos homens. De toda forma, vivencia-se a reclusão como exercício espiritual meditativo ou contemplativo, conforme prescreve a Ordem Cisterciense da Estrita Observância ou Trapista beneditina a que se filia o referido mosteiro localizado no Paraná. Logo, a confissão de que, em dado momento, se permanece em recolhimento e se experimenta o “Silêncio” (Resende, 2022, p. 138) não poderia furtar a poesia daquele anseio meditativo que a ela compromete diretamente, caso do seguinte poema:

há um sentido
que transcende todos os símbolos.
oh humildade para se conviver com
estes mistérios ineficazes em signos.
Uma casa foi construída com tábuas
de uma outra.
Ficou uma casa listrada,
cor-de-rosa e verde-abacate.

essas palavras não são novas,
você certamente já as viu
em algum outro momento

agora são estas listras de frases (Resende, 2023, p. 143).

A confirmação de um sentido que transcende a todos os símbolos e que se torna ineficaz em signo, a nosso ver, não contraria o argumento anterior de que não se trata de acusar um aparte radical entre experiência relacional e linguagem, como se a primeira pudesse prescindir dessa. Pelo contrário, afinal, potente será a analogia da casa que se constrói a partir dos pedaços de outra, nova meditação sobre a materialidade do verbo que se ajeita em distintos arranjos, humilde quanto ao projeto de se tocar em algo original e vivo. Entre o desejo de uma virtuosidade poética tão reveladora quanto o êxtase erótico e místico, e o manuseio pobre dos sentidos pelo texto, a poesia, fundamental na reconquista da ritualidade cotidiana, se confirma como um sustentáculo significativo da existência no presente.

Os dois poemas citados anteriormente que apresentam o vocábulo “espáduas” representariam, então, pontos extremos do trajeto que nos parece configurar, como dito,

uma espécie de Paixão nos poemas de Rollo. O primeiro afirmará: “[...] na falta das asas, / apalpamos nossas espáduas, / saudosos” (Resende, 2023, p. 107). Seu antecedente, também do título *Água mineral*, acresce: “[...] alguém tocou-me uma das espáduas / e deu-lhe este belo nome: / asa” (Resende, 2023, p. 97). Isolado, o vocábulo terá o poder de reunir virtualmente todo esse conjunto de forças que, em grande angular, sugerem uma paisagem movente e não apenas um estático panorama.

De toda forma, acaso optássemos por abordar ao menos *Uma flor de lótus* por um viés estritamente biográfico, poderíamos supor o resquício inevitável de uma consciência trágica nesse perceptível trajeto de formação espiritual; isto é, a hipótese de um manejo à finitude da vida imposta subitamente por meio de um dos mecanismos mais potentes de seu gozo. No entanto, prezando por uma legibilidade crítica do estudo poético, tal ideia não poderá se sobrepôr à defesa de um aspecto central. Se o panorama poético de Rollo comunica um processo de espiritualização, anotado desde a reconquista do cotidiano como rito, conduzindo às incursões de qualidade mística, ou mesmo zen, este não nos parece em função de um porquê final incoerente com o exercício contínuo de restaurar uma positividade para o presente. De modo que, acreditamos se tratar de uma resposta ao *estar em vida*, movimento de afirmação de que *aqui se está* e não tão-só à espera de algo por vir, seja a morte ou um sentido redentor que solucionasse em definitivo o medo, o abandono.

Por certo, a experiência criativa do autor não deixa de ser indicativa da permanência no campo literário, na passagem para a década de 1990, de aspectos que jazem na relação conflitiva entre a pluralidade da experiência identitária e afetiva humana, tomada como um traço positivo, e a negatividade do sentido existencial que afeta a vida em suas esferas privada e pública. A particularidade de sua intervenção, a nosso ver, atribuída à hipótese de que a poesia resiste e se afirma como espaço habitável, reside na prospecção de um horizonte vivencial, experimentado em dinâmicas de transformação, e não apenas de afirmação. A literatura, como um espaço ecológico de forte tendência conjuntiva, a ser expressa e pensada por meio de um arcabouço distinto da razão dicotômica ocidental, sobremodo determinante da configuração afetiva e política da vida em sociedade e da imaginação poética. Para nós, trata-se de um aspecto que acusa a atualidade de sua obra em face da hipótese de outros encontros leitores, validada a antologia como sequente gesto criativo.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (FILÔ/Bataille).

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CESAR, Ana Cristina. **Poética / Ana Cristina Cesar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2012.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Tradução: Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates; 206).

JUVAN, Marko. **History and Poetics of Intertextuality**. Tradução para o inglês: Timothy Pogaçar. West Lafayette: Purdue University Press, 2008.

LEITE, Sebastião Uchoa. **Poesia completa**: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MORAES, Eliane Robert. Topografia do risco. O erotismo literário no Brasil contemporâneo. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 31, p. 400-418, jul-dez., 2008.

NUNES, Benedito. A recente poesia brasileira: expressão e forma. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 31, p. 171-183, out. 1991.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida / Adélia Prado**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

RESENDE, Rollo de. **Espáduas**: antologia poética. Hiago Rizzi (org.). Curitiba: Telaranha, 2023.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SISCAR, Marcos. **Poesia e crise**: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.

Recebido em 24 de março de 2024
Aceito em 6 de setembro de 2024